

# O Enigma de D. Quixote e o Arquétipo da Esperança

## Um estudo da Psicologia Simbólica<sup>1</sup>

Carlos Amadeu Botelho Byington<sup>2</sup>

Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) publicou a primeira parte de D. Quixote em 1604 e a segunda, em 1615, cinco meses antes de sua morte. Em 2002, o Clube do Livro da Noruega reuniu o voto de cem escritores notáveis de cinquenta e quatro nações, entre eles Salman Rushdie, Milan Kundera, John Le Carré, John Irving, Nadine Gordimer, Carlos Fuentes e Norman Mailer, que elegeram D. Quixote, quase quatrocentos anos depois de escrito, a melhor obra de ficção de todos os tempos. Pelo número de vezes que leram e louvaram o Quixote durante suas vidas, o voto de Dostoievski e Heine provavelmente acompanharia todos estes.

Muitos estudiosos perceberam quanto D. Quixote é Cervantes (Busoni, 1958). Nesta palestra, abordarei o significado simbólico da figura de D. Quixote, relacionada com o Processo de Individuação, conceituado por Jung e aqui aplicado a Cervantes. Chamarei a atenção não pelo que Cervantes fez com D. Quixote, mas, sobretudo, pelo que ele não explicitou, mas deixou para o leitor sentir como um verdadeiro enigma. Como pode ser que um personagem fantástico, criado para ridicularizar e desmoralizar as histórias de cavalaria na aurora do racionalismo científico, tenha conseguido encantar a Cultura Ocidental, a ponto de vencer o tempo e eternizar pela fantasia uma aventura romântica tresloucada?

A teoria do desenvolvimento arquetípico individual, conceituada por Jung, foi aqui ampliada pelo referencial teórico do Processo de Humanização e da Teoria Arquetípica da História, formulados pela Psicologia Simbólica, que transmitem a compreensão simultânea do desenvolvimento individual e coletivo a partir da extensão dos conceitos de símbolo e de arquétipo (Byington, 1983). Esta teoria concebeu o Self Cultural e percebe o seu funcionamento inseparavelmente do Self Individual e, assim sendo, aplica ao mito e à dimensão coletiva a característica prospectiva dos símbolos, descrita por Jung no desenvolvimento individual.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no III Congresso Latino Americano de Psicologia Junguiana. Salvador, 1º. de Maio, 2003.

<sup>2</sup>Médico Psiquiatra e Analista Junguiano, Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, e Membro Analista da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica. Educador e Historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana. E-mail: [c.byington@uol.com.br](mailto:c.byington@uol.com.br) site: [www.carlosbyington.com.br](http://www.carlosbyington.com.br)

A Psicologia Simbólica ampliou o conceito de Arquétipo para englobar também a Consciência.

Baseado na obra de Bachofen (1861), Erich Neumann (1949) descreveu as fases de dominância matriarcal e patriarcal no desenvolvimento da Consciência na história da humanidade a partir dos mitos de várias culturas. A Psicologia Simbólica acrescentou uma terceira e uma quarta fases arquetípicas de dominância na história da Consciência. A terceira, coordenada pelo Arquétipo da Alteridade, que engloba os Arquétipos da *Anima* e do *Animus*, descritos por Jung, e a quarta, coordenada pelo Arquétipo da Totalidade e cultivada, por exemplo, pelos velhos sábios taoístas, cuja melhor expressão é a mensagem de Lao-Tzu, descrita no *Tao Teh King*.

Ao estudar o funcionamento arquetípico da Consciência, a Psicologia Simbólica descobriu cinco posições arquetípicas pelas quais passa o processo de elaboração de todos os símbolos. A primeira é a posição indiferenciada, correspondente ao início da elaboração simbólica pelo Arquétipo Central. A segunda é a posição insular do Arquétipo Matriarcal. A terceira é a posição polarizada do Arquétipo Patriarcal. A quarta é a posição dialética do Arquétipo da Alteridade, e a quinta é a posição contemplativa do Arquétipo de Totalidade.

O conjunto das mutações que diferenciou nossa espécie dos homínidos tem aproximadamente cem mil anos. Entre dez e vinte mil anos atrás começou a revolução agropastoril, que ensejou o uso do arado, da irrigação, da cilagem e o assentamento permanente das culturas, condições necessárias para o surgimento das cidades. De fato, sendo a organização a função essencial do Arquétipo Patriarcal, antes da formação das cidades ela era inoperante, pois havia pouco o que organizar socialmente. Por intermédio desses fatos podemos inferir que a formação da família patriarcal, como ainda existe hoje, das classes sociais, da propriedade privada e do Estado (Engels, 1848) acompanhou a construção de vilas. Nesse longo período antes do assentamento permanente das culturas predominava o Arquétipo Matriarcal, que, por ser o arquétipo da sensualidade e da fertilidade, era o que melhor coordenava a problemática de sobrevivência, que era o problema central na civilização pré-histórica. Esta é uma confirmação histórica e arquetípica da perspectiva de Bachofen e de Neumann, de acordo com a qual a dominância arquetípica matriarcal precedeu a dominância arquetípica patriarcal no desenvolvimento da Cultura. Esta concepção dos padrões arquetípicos matriarcal e patriarcal não deve ser equacionada com o matriarcado e patriarcado, definidos em função da posição social do homem e da mulher e dos seus papéis na organização familiar. Neste

último caso, a precedência do matriarcado sobre o patriarcado não foi confirmada pela Antropologia (Boas, 1924).

Ao descrever o Arquétipo da Alteridade como o arquétipo correspondente à inter-relação democrática das polaridades na Consciência pela função estruturante da compaixão e pelo princípio da sincronicidade, a Psicologia Simbólica identificou o Mito do Buddha há 2500 anos no Oriente e o Mito Cristão há 2000 anos no Ocidente, como os mitos responsáveis pelo início da implantação histórica do Arquétipo da Alteridade.

Segundo o historiador Eusébio, antes da Batalha de Ponte Milvia em 312, na qual derrotou seu cunhado Maxentius e unificou o Império, Constantino viu no céu a cruz e as palavras “com este sinal vencerás”. Vitorioso, o Imperador converteu também o Império, estabelecendo a tolerância para os cristãos pelo Édito de Milão em 313. Chegou a ser denominado *Pontifex Maximus*, título que o fez o primeiro Papa católico e que seria usado mais tarde por todos os Papas da Igreja.

Dentro deste contexto histórico, seria natural que a principal dificuldade da implantação do Arquétipo da Alteridade no Ocidente começasse com a própria institucionalização do Cristianismo.

De fato, o modelo patriarcal piramidal autocrático do Império Romano favoreceu a patriarcalização defensiva do Mito Cristão em muitos dos seus aspectos. Desde o início da institucionalização, abriu-se o caminho para a troca da compaixão pela organização, da cruz pela espada, e muitas vezes, também, pela repressão, pela tortura, e pela pena de morte. A patriarcalização distorceu progressivamente a alteridade do Mito, e a Igreja passou a rotular de hereges os que dela discordavam e a persegui-los em nome de Cristo. À medida que a Inquisição se intensificou durante os séculos, a Igreja continuou a abençoar exércitos e a organizar até mesmo campanhas militares para reconquistar Jerusalém. As Cruzadas assumiram despididamente a espada a serviço da cruz, já agora, no seu próprio nome, pois “cruzado” tornou-se sinônimo de “guerreiro”. As oito cruzadas foram centralizadas na missão de retomar Jerusalém dos árabes, ocorreram entre 1095 e 1291, os dois séculos durante os quais aumentou extraordinariamente a virulência da Inquisição a ponto de se tornar regulamentada até mesmo por bulas papais (1220-1239). Isto tudo é muito importante para compreender o símbolo de D. Quixote e dos Romances de Cavalaria, porque eles herdaram a problemática dos cruzados, os guerreiros armados em nome de Cristo, que buscaram impor a compaixão pelo poder.

Junto com a patriarcalização defensiva do Mito Cristão, sua implantação criativa por intermédio do Arquétipo da Alteridade continuou o processo histórico de humanização em direção ao Renascimento. Assim, este mesmo século XIII, em que cresceu tanto a

Inquirição, foi o século glorioso de Santo Tomás de Aquino (1225? -1274?) com a *Summa Theologica*, de Dante Alighieri (1265-1321) com a Divina Comédia, de São Francisco de Assis com a santidade ecológica (1182-1226), de Giotto (1276? -1337?) e de Cimabue (1240? -1302?) com o início da Arte Moderna, centralizada no símbolo da Catedral de Notre Dame, cuja nave ficou pronta em 1240.

A percepção simbólica do que Cervantes expressou em D. Quixote é inseparável da problemática das Cruzadas e dos Romances de Cavalaria que sucederam a literatura épica, mas, num âmbito mais amplo, dentro da Teoria Arquetípica da História, esses símbolos precisam ser inseridos no símbolo do Renascimento com a grande transformação do paradigma religioso mitológico da Teologia Cristã para o paradigma mitológico das Ciências Modernas.

A pujança do Self Individual, Cultural, Planetário e Cósmico geralmente se expande existencialmente contextualizada por funções estruturantes, que encontram ou criam Personas institucionalizadas, formadas por papéis individuais e coletivos oriundos da elaboração das gerações passadas. O Processo de Individuação, ao mesmo tempo em que se diferencia do coletivo, opera como pára-raios da tensão cultural mitológica e se desenvolve em função da expansão criativa do Self Cultural, a quem realimenta dentro de uma relação dialética de múltiplo retorno.

A Psicologia Simbólica situa a luta do Bem e do Mal entre as funções estruturantes criativas da Consciência e as funções estruturantes tornadas fixadas e defensivas e atuantes na Sombra, descritas pela Psicanálise como mecanismos de defesa do Ego. Não existe elaboração simbólica no Processo de Individuação sem a luta entre o Bem e o Mal, pois o embate entre as funções estruturantes criativas e as funções estruturantes defensivas está sempre presente. Assim, o Arquétipo do Herói, intensamente presente na elaboração simbólica das grandes transformações da Consciência, está sempre contaminado pela Sombra e, por isso, atua criativamente buscando o Bem, que propicia o crescimento da Consciência, mas, nem por isso, deixa de atuar também defensivamente a Sombra, aqui compreendida como o caminho do Mal. Por vezes mesmo, o Arquétipo do Herói é dominado a tal ponto pelas defesas em personalidades pujantes, que elas se tornam muito destrutivas, verdadeiros demônios ou anjos do mal. As transformações individuais ou culturais são temidas, porque, ao propor o Bem, freqüentemente se tornam um instrumento para a atuação do Mal. É isso que podemos dizer, por exemplo, dos heróis conquistadores das Américas, como Cortez e Pizarro, cuja ambição e destemor lideraram bravos para ferir de morte as civilizações Asteca e Inca por cobiça. A mesma *hybris* e desregramento atingiram os nossos valentes paulistas, que partiram de São

Paulo para desbravar heroicamente os sertões além das Tordesilhas e que, ao fazê-lo, multiplicaram por três a extensão territorial do Brasil.

Na segunda metade do século dezesseis, os habitantes do Planalto de Piratininga estavam empobrecidos. Muitos tinham vindo do litoral, devido à decadência das plantações de cana-de-açúcar, iniciadas por Martim Afonso de Souza. O Rio Tietê e o sertão os atraíam e desafiavam. Aproveitando a aliança histórica circunstancial entre Portugal e Espanha (1580-1640), nossos Bandeirantes aventuraram-se na selva, enfrentando a malária e tribos indígenas ainda bravias, para atacar e destruir as missões jesuítas, as reduções, e aprisionar índios convertidos ao Cristianismo, catequizados e desarmados, que haviam aprendido a agricultura e o artesanato. Sua venda como escravos à indústria canavieira do Nordeste era rendosa. As dificuldades marítimas impostas pelos holandeses ao tráfego negreiro favoreceram o “mercado escravo interno”. Vendiam cada índio, a quem chamavam de “peça”, por um quinto do preço de um escravo negro. E, assim, muitos enriqueceram e se prepararam para novamente voltar ao sertão no século dezoito, desta feita, inspirados pelo símbolo do “El Dorado”, a lenda do cacique que era enterrado pintado de dourado e com tesouros de ouro no Lago Guatavita.

Apresentarei neste Congresso, um workshop também sobre D. Quixote, que coordenarei com Maria Helena Mandacarú Guerra, e uma aula de Pedagogia Simbólica sobre os Bandeirantes, junto com as psicopedagogas Sueli Grimaldi, Claudette Sargo e Ecleide Cunico Furlanetto. Mencionaremos a semelhança entre os heróis descobridores e desbravadores do Novo Mundo e os heróis cavaleiros andantes herdeiros dos cruzados. Desta forma, estaremos situados entre a literatura de cavalaria, que surgiu com os Contos do Graal no final do século doze, até sua implantação tardia na Península Ibérica no século dezesseis, onde feneceu e foi enterrada pela loucura burlesca de Sancho e D. Quixote.

O enigma de Cervantes e do seu D. Quixote, que encantou gerações desde sua origem, foi a descrição satírica e burlesca de D. Quixote e do ideal dos Cavaleiros Andantes como algo psicótico, ridículo e inteiramente fora da realidade, somente passível de ser seguido pela ignorância e ganância de um Sancho Pança. Ao mesmo tempo, seduziu-nos D. Quixote com o ideal, a fé e a esperança inabaláveis de um personagem que vive o despojamento do conforto e dos bens materiais e que busca um ideal de justiça e de amor. Ao fazê-lo, afirma o valor da fantasia, o entusiasmo, o romantismo e a compaixão cristã pelos fracos e oprimidos. O aspecto agressivo guerreiro do cavaleiro andante dissolve-se no ridículo, mas a paixão humana pela aventura na busca da justiça

e do amor são comoventes e até enaltecidas pela psicose, no que Cervantes se encontrou com Erasmo de Roterdã no Elogio à Loucura.

A elaboração inicial criativa do Mito Cristão para a implantação do Arquétipo da Alteridade no Ocidente fez-se em boa parte de forma introvertida, por intermédio da vida monástica, durante os séculos da Idade Média. Junto com a elaboração do Mito, os mosteiros traduziram a cultura do mundo antigo para o latim, principalmente aquela acumulada em Grego e Árabe e a copiaram e disseminaram pela Europa.

Os mosteiros não desapareceram, mas a partir do século doze começaram extrovertidamente a se transformar nas universidades. Essa extroversão do Mito e a secularização dos mosteiros coincidiram com o a influência de Aristóteles, que originou a síntese Aristotélica-Tomista em substituição à perspectiva Agostiniana, enraizada na introversão platônica e neoplatônica, que orientara os séculos de vida monástica. Convém lembrar que a polaridade introversão-extroversão, representada por Platão e Aristóteles, é um dos capítulos importantes do livro *Tipos Psicológicos*, de Jung.

A elaboração extrovertida do Mito Cristão, dentro do Self Cultural europeu, caminhou criativamente, por intermédio da formação das universidades e do desenvolvimento das artes, em direção ao Renascimento, às Ciências e à criação da burguesia, e defensivamente na incrementação da Inquisição, com a dissociação crescente Cristo-Diabo e a luta religiosa armada das Cruzadas. Como assinali previamente, esta gigantesca fixação do Mito Cristão foi oriunda de sua patriarcalização reacionária por meio do modelo do Império Romano, que redundaria na implosão e na dissociação da Igreja Cristã na Reforma.

No entanto, essa extraordinária expansão do Self Cultural Europeu pela implementação progressiva do Arquétipo da Alteridade trazia nas suas vísceras o dilema da elaboração incandescente da associação espúria entre a cruz e a espada, entre a compaixão e o amor, de um lado, e a repressão e a guerra, de outro. A literatura épica associou com grande ênfase a incompatibilidade entre o heroísmo da guerra e o amor. Na famosa Canção de Rolando, o corpo do herói consagrado pelo Rei Carlos Magno é trazido de volta à corte, e sua querida Aude morre fulminada ao saber da morte do amado. A impossibilidade do amor de alteridade sobreviver dentro da dimensão patriarcal apresentou-se repetidas vezes no Mito do Amor Impossível, tornado célebre por Abelardo e Heloísa, Romeu e Julieta, Tristão e Isolda e tantos outros. Paralelamente a esse impasse, os Arquétipos da *Anima* e do *Animus* expressaram-se dentro da alteridade pelos cavaleiros poetas e menestrelis, que louvaram o amor, a justiça, o desenvolvimento da sensibilidade do homem e enalteciram a imagem da mulher.

O Arquétipo Matriarcal, por intermédio da posição insular e a causalidade mágica, e o Arquétipo Patriarcal, por intermédio da posição polarizada e da causalidade reflexiva, coordenam a elaboração simbólica produzindo inúmeros significados. Quando se trata, porém, de elaborar situações que envolvem a relação entre as polaridades, esses dois arquétipos são limitados para elaborá-las. A posição insular matriarcal, devido à sua intensa sensualidade, é muito apegada à literalidade dos símbolos. A posição polarizada patriarcal é muito mais capaz de abstração e desapego que a posição insular matriarcal, mas sua polarização estrita dos fenômenos traz um tal apego à organização que impede o exercício da compaixão para que se possa “virar a outra face” de um símbolo antes de lhe “atirar a primeira pedra”. Somente o Arquétipo da Alteridade, com sua posição dialética e o princípio da sincronicidade, que lhe é essencial, é capaz de “virar e revirar” democraticamente a face das polaridades, produzir e conjugar um sem número de significados, que conduzem às sínteses resultantes das teses e das antíteses de Hegel ou ao “terceiro que não é dado” (*tertium quod non datur*), expresso pela Função Transcendente de Jung.

Foi nessa grande tensão entre o Arquétipo do Poder e o Arquétipo do Amor, elaborada de forma polarizada pelo Arquétipo Patriarcal e de forma dialética pelo Arquétipo da Alteridade, que emergiu uma versão da Lenda do Graal, e dos Cavaleiros da Távola Redonda, ou, simplesmente, O Romance de Parsifal. O Rei Felipe da Alsácia pediu a Chrétien de Troyes que o escrevesse. Ele o fez entre 1181 e 1190, ano em que o Rei partiu para a terceira Cruzada, na qual morreu um ano depois. A sincronicidade unindo a morte do guerreiro à do poeta – do Rei Felipe e de Chrétien de Troeys – formou uma conjunção de tese e antítese, uma grandiosa síntese de opostos, da qual nasceu a Lenda do Graal. Nos séculos doze e treze, esta lenda transformou-se no tema básico dos Romances de Cavalaria do Ocidente. Assim sendo, a criação da literatura ocidental romântica não apenas na França, mas em toda Europa na Idade Média subordinou a agressividade dos cavaleiros andantes a Deus, ao Cristo e ao amor. A busca do Graal e da individuação tornou-se a fonte inspiradora para o Self Cultural europeu empreender o resgate da alteridade na dialética do poder e do amor. Este manancial de criatividade foi um passo importante para a elaboração da fixação do símbolo do Cristo, tornado guerreiro pela patriarcalização defensiva de sua mensagem.

A imaginação literária, expressa na fantasia aventureira e amorosa dos menestréis e dos cavaleiros andantes, foi capaz de criar inúmeros significados simbólicos, cujos atributos formaram muitas Personas durante três séculos para que pudesse ocorrer esta imensa elaboração cultural em direção ao humanismo científico e democrático.

Cervantes, além de poeta e dramaturgo, foi ele próprio um guerreiro. Feriu-se e ficou aleijado da mão esquerda na Batalha de Lepanto, contra os turcos, em 1571. Foi depois aprisionado e permaneceu cinco anos em prisões muçulmanas. Relata-se que, ao empreenderem uma fuga, Cervantes e outros cristãos foram apanhados. Heroicamente, Cervantes apresentou-se como único culpado e foi por isso poupado pelo terrível rei de Argel, Hassam Pachá. Ao ridicularizar os Romances de Cavalaria, que no seu ocaso não cabiam mais na sociedade renascentista, cuja trajetória racionalista dirigia-se a uma nova concepção do Cosmos, Cervantes fez mais do que isso. Conseguiu, através de sua sensibilidade e extraordinário senso de humor, ao mesmo tempo ridicularizar D. Quixote e Sancho Pança e encantar o leitor com sua aventura ensandecida, mas, acima de tudo, apaixonada pela justiça e pelo amor. Ao eleger a camponesa Aldonza como a nobre dama Dulcinéia, Cervantes fez o amor ultrapassar as classes sociais, renunciando o futuro da posição social da mulher no Ocidente. Acima de tudo, deixou-nos D. Quixote como um apaixonado pela síntese criativa entre o Arquétipo do Poder e o Arquétipo do Amor, para além da realidade do dia-a-dia, porque psicótico, mas exatamente por isso, como um incansável batalhador, cuja mente e o coração emergem do Arquétipo da Esperança na busca de um mundo melhor. Como escreveu Cervantes pela fala de D. Quixote, parafraseando Jesus no Sermão da Montanha, “o caminho do vício, dilatado e fácil, em morte acaba, e o da virtude, apertado e trabalhoso, acaba em vida, mas não em vida que se acaba, e sim na vida que não tem fim”.

**Dr. Murray Stein:** Quando eu li sobre a eleição de Don Quixote como o melhor romance de todos os tempos, corri para lê-lo e ele me pareceu extremamente engraçado.

**Dr. Byington:** Não há dúvida que Cervantes foi um mestre do humor e usou seu estilo burlesco ao longo de todo o livro, inseparavelmente das ações, dos pensamentos e das fantasias de Don Quixote, especialmente em seu relacionamento com Sancho Pança.

Eu considero o humor, como qualquer outra função psíquica, uma função estruturante da Consciência, que pode ser criativa ou defensiva. Freud (1905) interpretou o chiste como uma função estruturante que neutraliza a repressão e, por isso, proporciona prazer. Como o humor criativo joga com o intercâmbio das polaridades, ele tem um papel muito importante na expressão do Arquétipo da Alteridade, porque este arquétipo coordena a elaboração simbólica especificamente através das inúmeras expressões e significados presentes no relacionamento entre as polaridades. Desde a oposição completa até a igualdade, através da posição dialética da polaridade Ego-Outro na

Consciência, o Arquétipo da Alteridade pode extrair a infinidade de significados presentes na elaboração simbólica.

No Zen Budismo, a posição dialética da alteridade emprega *koans* para quebrar as discriminações tradicionais rígidas estabelecidas pela posição polarizada coordenada pelo Arquétipo Patriarcal. Numa famosa *koan*, um discípulo, depois de muitos anos de preparação, deveria se apresentar diante de uma comissão seleta de Mestres para aferir a sua capacidade de se tornar um Mestre. Tratava-se de um exame final Zen. O discípulo entrou na sala onde estavam os mestres sentados, saudou-os e olhou-os fixamente. Subitamente, retirou suas sandálias e as colocou sobre sua cabeça, continuando a olhá-los. Imediatamente foi aprovado, e anos depois, tornou-se um grande Mestre.

Interpretar uma *koan* é considerado politicamente incorreto, pois, ao fazê-lo, roubamos sua espontaneidade e a matamos. Peço a qualquer Mestre presente nesta sala que perdoe minha transgressão, na medida em que lançarei a hipótese de que um dos significados possíveis do gesto do discípulo foi a sua tentativa de comunicar aos mestres examinadores que a sua vocação de viver o Zen era tão forte que daquele momento em diante ele estava disposto a abrir mão de qualquer idéia pré-estabelecida para que o Zen o inspirasse. Se qualquer um dos examinadores fosse também um alquimista e analista junguiano, ele certamente teria aprovado duplamente o discípulo, ao perceber que sua *koan* tinha expressado simultaneamente Hermes Trimegistus e Carl Jung, ao significar que “aquilo que está acima é igual ao que está embaixo” porque “qualquer coisa que seja dita sobre a Psique, a afirmação oposta também é verdadeira”.

Muito obrigado a todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHOFEN, Johan Jacob (1861). “Myths, Religion and Mother Right”. *Selected Writings of J. J. Bachofen*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1967.

BOAS, Frazer (1924). “Evolution or Diffusion?” *American Anthropologist*. n.s., vol.26, pgs 340-344, in LÉVI-STRAUSS, Claude (1949). “History and Ethnology” in *Structural Anthropology*. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1975, vol. 1.

BYINGTON, Carlos A. B. (1983). *Archetypal Theory of History – The Christian Myth as the Main Structuring Symbol of the Alterity Pattern in Western Culture*. Junguiana, Journal of the Brazilian Society for Analytical Psychology, Petrópolis, no. 1, pgs. 120-177.

\_\_\_\_\_ (1996). *Symbolic Education – The Affectionate Construction of the Knowledge of Being*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos – Record, 1996.

BUSONI, Raffaello (1958). *The Man Who Was D. Quixote. The History of Miguel de Cervantes*. New Jersey: Ed. Prentice Hall, 1982.

CERVANTES, Miguel (1604/1615). *D. Quixote de la Mancha*. Trans. by Almir de Andrade and Milton Amado. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ENGELS, Friedrich (1884). *The Origins of the Family, Private Property and the State*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

FREUD, Sigmund (1905). *Jokes and their Relationship to the Unconscious*. CW 8, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977.

JUNG, Carl Gustav (1921). *Psychological Types*. CW. 6, London: Routledge & Kegan Paul, 1981.

LAO-TZU. *Tao Teh King*. von Schmidt, K. O., Pfullingen/Württ: Baum-Verlag, 1961.

NEUMANN, Erich (1949). *The Origins and History of Consciousness*. New York: Routledge & Kegan Paul, 1954.